

**AS MULTIFACES D'OS SERTÕES,
DE EUCLIDES DA CUNHA⁴⁷**

Ruy Magalhães de Araujo (UERJ)

O PERFIL BIOGRÁFICO DE EUCLIDES DA CUNHA

O perfil de Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha deve ser traçado através de vários ângulos. Da atenta leitura dos seus biógrafos, podemos extrair e interpretar, sucintamente, os seguintes aspectos.

Nasceu a 20 de janeiro de 1868 em Cantagalo, Rio de Janeiro, filho legítimo de Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha e de Eudóxia Moreira da Cunha.

Em Cantagalo, com três anos, perdeu a mãe e daí em diante passou a morar sucessivamente com diversos parentes, no Rio de Janeiro, em São Paulo e na Bahia.

Realizou seus primeiros estudos em várias cidades e só em 1886 se fixou no Rio de Janeiro, como aluno na Escola Militar da Praia Vermelha, de onde foi obrigado a desligar-se por um ato de indisciplina, ao protestar, sozinho, contra a visita do Ministro da Guerra, conselheiro Tomás Coelho, do gabinete conservador da monarquia.

Euclides era republicano histórico e voltou ao Exército depois do movimento militar de 1889, com a proclamação da República., tendo sido promovido a tenente.

No ano de 1893, sob o terror oriundo de um estado de sítio do governo de Floriano Peixoto, com independência e coragem atacou e denunciou a crueldade sugerida por um senador federal que aconselhava a asfixia dos presos políticos, caso a cidade fosse atacada pelas forças navais dos Almirantes Custódio de Melo e Saldanha da Gama.

Euclides da Cunha auferiu fama de grande escritor ao publicar *OS SERTÕES*, em 1902, livro em que narrou a sangrenta campa-

⁴⁷ Apresentado no VIII CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, promovido pelo CIFEFIL, no Instituto de Letras da UERJ, em agosto de 2004.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

nha de Canudos, deflagrada contra Antônio Conselheiro. Precedendo a publicação do livro, escreveu dois artigos para “O Estado de S. Paulo”, intitulados “A nossa Vendéia”.

Em 1904, foi nomeado chefe da comissão de reconhecimento do Alto Purus e fez mais uma viagem à Amazônia, retornando ao Rio de Janeiro em 1905, quando, em 1906, no Itamarati, trabalhou como adido ao gabinete do barão do Rio Branco.

Euclides da Cunha era engenheiro e também formado em Matemática e Ciências Físicas pela Escola Superior de Guerra. Por concurso, foi professor de Lógica do Colégio Pedro II. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Era casado com Ana, filha do general republicano Sólon Ribeiro. Morreu assassinado, por questões de alcova, a 15 de agosto de 1909, no subúrbio da Piedade, no Rio de Janeiro.

OS SERTÕES constituem a sua obra máxima e sobre a mesma o Professor Eugênio Werneck transcreveu a seguinte frase: “é uma das bíblias da moderna literatura brasileira”. **In:** —. *Antologia Brasileira*, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1954, p. XXI).

Euclides da Cunha deixou ainda:

“Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus.”

“Contrastes e Confrontos”, 1907.

“Peru versus Bolívia”, 1907.

“Castro Alves e seu tempo”(conferência, 1907).

“À Margem da História”, sua obra póstuma.

Edições d’*OS SERTÕES*, de Euclides da Cunha.

1ª edição. Rio de Janeiro, Laemmert & Cia, 1902. Ilustrada. 632 páginas.

Com um conto e quinhentos, a 1ª edição foi financiada pelo próprio Euclides da Cunha. Tal importância era exorbitante para o autor e talvez representasse duas vezes o seu ordenado.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

A publicação do livro com o número de páginas que tinham *Os Serões* não era fácil, tratando-se de autor desconhecido como era ele. A princípio pensou em publicá-lo parceladamente pelas colunas do *Estado de São Paulo*. Talvez fosse esse o meio de atrair a atenção de algum editor. Levou os originais a Julio de Mesquita, certa vez em que esteve na capital. Em vão esperou em Lorena que o jornal começasse a estampá-lo. Longos seis meses se passaram. Voltando a redação do *Estado de São Paulo*, encontrou o seu grande pacote de originais coberto de poeira, no mesmo lugar em que o deixara. Mas apareceram ainda os amigos. Com uma carta de Garcia Redondo a Lúcio de Mendonça, embarcou para o Rio de Janeiro, em dezembro de 1901. Deve ter sido penoso ao estreante o fato de andar daqui para ali com o seu manuscrito, em busca de editor. Mas Lúcio de Mendonça encontrou-o afinal: a Livraria Laemmert encarregou-se de publicar o livro, não sem alguma relutância. (Sylvio Rabello, *Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 161)

A personalidade perfeccionista de Euclides, constantemente preocupado com a meticulosidade do trabalho, levava-o a considerar sempre que a edição necessitava de emendas. Por isso,

(...) ia sempre ao Rio a fim de corrigir as provas tipográficas, umas provas que nunca o satisfaziam inteiramente. Posto em letra de forma, o livro parecia-lhe outro, o bom e o mau das descrições, dos episódios, das figuras, ganhando um relevo que não tinha nas páginas manuscritas. Mas ainda era tempo de emendar o que lhe escapara antes. E refez períodos inteiros, intercalou novos, ao mesmo tempo que substituiu palavras por outras, de maior propriedade – verbos e adjetivos que dessem toda a sugestão de força e de harmonia as suas idéias.

Terminada a impressão pela editora, notavam-se, porem, ainda muitos erros. *Os Serões* jamais poderiam ser lançados com tamanha coleção de erros, entendia Euclides. Assim,

(...) depôs-se a emendar todos os defeitos, todos os erros, os tipográficos e os próprios. Durante dias e dias, diante dos operários aturdidos, não arrendou pe da tipografia para raspar, a ponta de canivete, os acentos indicativos de crase e as vírgulas mal postas; para pingar com uma pena novos acentos e novas vírgulas. Um por um, cerca de mil exemplares da tiragem passaram pelas mãos do revisor inexorável. Em cada exemplar emendou oitenta erros. Oitenta mil emendas ao todo.

A idéia de emendar e corrigir o livro sempre o atormentava. É o que veremos a seguir, ainda com as palavras de Sylvio Rabello, *Op. cit.*, p. 186,187:

Mas *Os Serões* definitivamente revistos e dados por corretos nunca contentaram o seu ideal de perfeição. A um amigo, em 1909, escreveu: 'Hei de consertar isso por toda a vida. Até já nem abro *Os Serões*, porque fico sempre atormentado, a encontrar imperfeições a cada passo'. É

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

que Euclides se supunha o ponto de referência de todos os gramáticos que, de lápis em punho, poderiam catar os erros que não emendara. Desta época, possivelmente antes de ter saído a segunda edição do seu livro, é a poesia *O Paraíso dos Mediócrees – uma página que Dante destruiu*. Euclides imaginava-se em certo sítio perto do inferno e tendo por guia Virgílio. Mas, de súbito este desaparece, deixando-o perdido entre demônios. Em vão lhe grita pelo nome. Em lugar do companheiro de peregrinação, aparece uma figura estranha, de fronte lisa e dentes à mostra, em riso imbecil. Indaga-lhe o nome. Era o cicerone do paraíso dos mediócrees.

Sou Marcellus Pompônio, o purista,
O guia que te trouxe, esse Virgílio,
Esta ama seca que apelidas tanto
Não me suportaria; eu sou capaz
De mostrar solecismos nas Geórgicas ...
Fez bem. Fugiu. E tu certo conheces
O gênio prodigioso que venceu
Certa causa notável, apontado
Um erro de gramática nos autos:
Sou eu. Sou imortal ... Tu és feliz,
Lucraste com a troca. Folga, ri,
Agradece ao teu Deus e dá-me o braço.
Eu vou mostrar-se o que outrem não faria.
Já viste o inferno, vou levar-te agora
Ao purgatório e ao céu. Mas antes deles
Há uma terra ideal onde domina
A santa mediania da virtude
E se chama o *Paraíso dos Mediócrees*
É ali – disse. E depois me foi levando
Por um trilho escarpado. A breve trecho,
Vingando um cerro abrupto, tive em frente
O mais belo país que eu inda vira.
Que terra encantadora.
O meu olhar
Desatou-se folgando em amplitude
Dos horizontes vastos onde eternos
Fulgores de uma primavera eterna
Se revezam co'as noites estreladas.

Nesse paraíso dos mediócrees é que Euclides desejava colocar os supostos caturras que faziam de *Os Sertões* um exercício de aplicação de regras gramaticais.

É importante informarmos que somente em 1914 o exemplar corrigido e revisto pelo próprio autor foi encontrado, sendo considerada, desse modo, como edição definitiva a 4ª, na qual se registram 1500 emendas.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Durante algum tempo, Euclides permaneceu numa angustiante expectativa, ate que recebeu carta do editor dando-lhe conta de que

(...) *Os Sertões* tinham feito um grande sucesso. Em oito dias, a metade da edição se esgotara. Nunca na sua vida de livreiro vira acontecimento igual. E depois os jornais vinham com artigos elogiosos. Os melhores críticos já tinham emitido o seu juízo: livro de mestre.

A crítica de Araripe Júnior fê-lo ainda mais conhecido e dentro em pouco tempo já se reclamava a 2ª edição.

Criticar esse trabalho – escreveu – não é mais possível. A emoção por ele produzida neutralizou a função da critica. E, de fato, ponderando depois calmamente o valor da obra, pareceu-me chegar à conclusão de que *Os Sertões* são um livro admirável, que encontrara muito poucos, escritos no Brasil, que o emparelhem – único, no seu gênero, se atender-se a que reúne a uma forma artística superior e original, uma elevação histórico-filosófica impressionante e um talento épico-dramatico, um gênio trágico como muito dificilmente se nos deparara em outro psicologista nacional. O Sr. Euclides da Cunha surge, portanto, conquistando o primeiro lugar entre os prosadores da nova geração. (Araripe Junior – “Os Sertões”. In: -- *Juízos Críticos*, pp. 33-71)

Nas pegadas de Araripe Junior, Afrânio Peixoto talqualmente exaltou *Os Sertões*, mostrando

(...) o seu aspecto accidental, episódico, de livro que narra uma campanha, e o seu aspecto essencial, profundo, que é de a advertência aos brasileiros de todas as suas formas de incapacidade não só de dominar a terra como de possuí-la dignamente. (...) livro esperado pela raça sertaneja há séculos abandonada no recesso do País. (Afrânio Peixoto. In: — Sylvio Rabelo, *op.cit.* p. 190)

Também o fez Tristão de Ataíde.

Sua obra vinha mostrar, eloqüentemente, e com fatos, o erro do literalismo político – que fora na monarquia o parlamentarismo, importando formulas e confundindo ficções com soluções – embora tendo conseguido organizar a estrutura social da nacionalidade e fixar a face mais original de sua literatura, ate então – e era agora na Republica e caudilhismo militarista, corrompendo as forças armadas pelo veneno politicamente. Literariamente vinha relevar o erro do esquecimento em que jazia a massa dos homens brasileiros e dar aos vindouros um exemplo de originalidade ao tomar em suas mãos a matéria bárbara americana e procurar exprimi-la sem a correção de escolas e preconceitos. (Tristão de Ataíde. *Política e Letras*. In: -- *A Margem dos História da República*, p. 288-289.)

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

2ª edição. Rio de Janeiro, Laemmert & Cia, 1903. Ilustrada. 618 páginas. (Corrigida)

3ª edição. Rio de Janeiro, Laemmert & Cia., 1905. Ilustrada. 618 páginas. (Corrigida).

4ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves 1911. Ilustrada. 620 páginas. (Corrigida)

5ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves. 1914. Ilustrada. 620 páginas. (Corrigida. Definitiva, de conformidade com as emendas deixadas pelo autor).

Obs. É pertinente transcrevermos aqui a informação constante da 5ª edição da Livraria Francisco Alves, em sua:

ADVERTÊNCIA (da 5ª edição)

À primeira edição deste livro, em 1902, sucederam-se, em 1903 e 1905, a segunda e a terceira, todas impressas pela firma Laemmert & C.^a Tendo nós adquirido, à falência destes editores, e depois da morte do autor em 1909, a propriedade da obra, publicamos, em 1911, 14ª edição. Todas elas, sensivelmente, não diferiam. Posteriormente, porém, foi encontrado, entre os livros do ilustre escritor, um exemplar daquela terceira edição, última que ele vira, tendo no ante-rostro esta indicação intimativa:

Livro que deve servir para a edição definitiva (4ª).

Não cuidamos do nosso interesse, que seria reproduzir facilmente a estereotipia feita para a 4ª edição, mas sim em bem servir à cultura nacional e em honrar Euclides da Cunha. Por isto, esta 5ª edição, essencialmente a mesma no fundo, na forma muito diversa das outras, obedece, embora com atraso independente da nossa vontade, ao desejo expresso pelo grande estilista, que achara no seu célebre livro tanta matéria para aperfeiçoar.

A 4ª edição, portanto, será a que vamos utilizar para o texto de base de nossas pesquisas, visto refletir as emendas e correções do próprio Euclides da Cunha, como manifestação da última vontade lúcida do autor, o que foi fidedignamente observado.

6ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1923. Ilustrada. 620 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor)

DEPARTAMENTO DE LETRAS

7ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1923. Ilustrada. 620 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor)

8ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1925. Ilustrada. 620 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor)

9ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1926. Ilustrada. 620 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor)

10ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1927. Ilustrada. 620 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor)

11ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1929. Ilustrada. 620 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor)

12ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1933. Ilustrada. 646 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor)

13ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1936. Ilustrada. 646 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor)

14ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1938. Ilustrada. 646 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor)

15ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1940. Ilustrada. 646 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor)

16ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1942. Ilustrada. 646 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor)

17ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1944. Ilustrada. 646 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor)

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

18ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1945. Ilustrada. 646 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor)

19ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1946. Ilustrada. 646 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor)

20ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 19346. Ilustrada. 646 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor)

21ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1950. Ilustrada. 646 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor)

22ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1952. Ilustrada. [Ilustração de Ib. Andersen]. 554 páginas.

23ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1954. Ilustrada. 554 páginas.

24ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1956. Ilustrada. 554 páginas.

25ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1957. Ilustrada. 554 páginas.

26ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1963. Ilustrada. 2 volumes.

27ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1968. Ilustrada. [Capa e ilustração de Aldemir Martins]. 471 páginas.

Obs. A universidade de Brasília também publicou uma 27ª edição.

28ª edição. Brasília, Universidade de Brasília, 1979.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

PUBLICAÇÃO DE OUTRAS EDITORAS

OS SERTÕES, de Euclides da Cunha. Coleção “Intérpretes do Brasil”. Três volumes. Nova Aguilar, 1º volume, 2002.

Lisboa, Livros do Brasil, 1959. Ilustrada, 479 páginas. (Coleção *Livros do Brasil*, 41).

Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1967. Ilustrada, 554 páginas. (*Clássicos Brasileiros*, Águia de Ouro). Prefácio de M. Cavalcanti Proença.

Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1969. Prefácio de M. Cavalcanti Proença.

Ilustrada. 560 páginas. (*Clássicos Brasileiros*, Leão. Reimpressão).

Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1970. Seleção, introdução e vocabulário de Olímpio de Sousa Andrade. 225 páginas. (Coleção *Calouro*, Estrela).

Os Sertões: Texto integral. S. Paulo: Três. 1973, 2 volumes.

Os Sertões: Campanha de Canudos. São Paulo, Abril Cultural, 1979. Ilustrada, 442 páginas.

Os Sertões: Campanha de Canudos. São Paulo, Círculo do Livro, 1992. 496 páginas.

Apareceram, ainda, os seguintes trabalhos:

Os Sertões, de Euclides da Cunha. Edição crítica por Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Os Sertões. Ed. Leopoldo M. Bernucci. São Paulo: Ateliê/ Imprensa Oficial/ Arquivo do Estado, 2001.

Lexicologia de “Os Sertões”: o vocabulário de Euclides da Cunha. Manif Zacarias . Florianópolis: Garapuvu, 2001.

Cadernos da Literatura Brasileira: Euclides da Cunha e Cadernos de Fotografia Brasileira: Canudos. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2002. 411 e 302 pp, respectivamente.

História e Interpretação de OS SERTÕES. Olímpio de Souza Andrade. Org. e Int. de Walnice Nogueira Galvão. Ap. Alberto Venâncio

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Filho. 4ª ed., rev. e aum. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

Exposição sobre os cem anos de OS SERTÕES, obra-prima de Euclides da Cunha, lançada em 1902. Fotos de Flávio de Barros, o único fotógrafo que registrou cenas da guerra no arraial de Antônio Conselheiro. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Sales, 2002.

BIBLIOGRAFIA SOBRE O AUTOR

ABREU, Modesto de. *Estilo e Personalidade de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

ANDRADE, Olímpio de Souza. *História e Interpretação de "Os Sertões"*. São Paulo: Edart, coleção Visão do Brasil, 1960.

ARARIPE JR, T. A. *Obra Crítica*. Vol. II, 1888-1894. Rio de Janeiro: FCRB, 1960.

———. *Os Sertões*. In ——. Autores e Livros, suplemento literário de "A Manhã". Rio de Janeiro, 23/08/1942. Reprodução do texto publicado no "Jornal do Commercio". Rio de Janeiro, 22/02/1903.

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. *A Configuração do Real em Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

COUTINHO, Afrânio. "Os Sertões", obra de ficção. In: ——. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 12-10-1952.

FORTES, Herbert Parentes. *Euclides, o estilizador da nossa História*. Rio de Janeiro: GRD, 1958.

FREIRE, Gilberto. *Atualidade de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: CEB, 1943.

———. *Euclides da Cunha, revelador da realidade brasileira*. In: ——. "Obra Completa de Euclides da Cunha", vol. I. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p. 17-31.

MOURA, Clovis. *Introdução ao pensamento de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

———. "Euclides da Cunha". In: ——. *Os Forjadores do Mundo Moderno*, nº 3. São Paulo: Fulgor, 1962.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

NEVES, Edgard de Carvalho. *Afirmção de Euclides da Cunha*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

NUNES, Cassiano. "Euclides da Cunha: a personalidade e a obra". **In** —. *Revista Brasiliense* nº 24.

OLIVEIRA, Franklin de. *Euclides da Cunha*. **In**: —. "A Literatura no Brasil", vol. III, T. I. Direção de Afrânio Coutinho, Rio de Janeiro: São José, 1959.

PEREGRINO, Umberto. *Os Sertões como história militar*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1956.

PICHIA, Menotti del. "Euclides da Cunha e o Socialismo". **In** —. *A Gazeta*, de 1-6-1963.

PROENÇA, M. Cavalcanti. "O Sertanejo de Euclides e a Literatura Regional". **In** —. *Revista Brasiliense*, nº 32.

RABELO, Sílvio. *Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: CEB, 1948.

ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946, 6 volumes.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Revisão de Euclides da Cunha*. **In**: —. "Revista do Livro", nº 51, Rio de Janeiro: INL, set. 1959.

VIANA FILHO, Luís. *À Margem de Os Sertões*. Salvador: Progresso, 1960.

Atestam-se, igualmente, muitas traduções para o alemão, chinês, dinamarquês espanhol, francês, holandês, inglês, italiano, sueco.

Ainda se registram várias adaptações, teses de doutorado, dissertações de mestrado, monografias e trabalhos acadêmicos, cursos, minicursos, mesas-redondas, palestras, comunicações em congressos nacionais e internacionais.

A obra também foi divulgada em diversificadas manifestações culturais através da literatura, do teatro, da ópera, da música, do cinema, da televisão.

É de registrar-se, talqualmente,, que o livro inteiro é um repositório de pérolas estilísticas, quer sob a perspectiva da estilística fô-

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

nica, morfológica, sintática, quer sob a perspectiva da estilística semântica.

- Reforçando o que afirmamos acima, comprovam-se:
- efeitos fônico-vocabulares; ecos; cacofonias; efeitos onomatopáicos; aliterações e assonâncias; variedades prefixionais; aspectos verbais; pleonasmos; anacolutos;
- polissíndetos; topologia pronominal; infinitivo flexionado;
- peculiaridades no emprego do gerúndio; acervo lexical diversificado: (termos técnicos e científicos, latinismos, helenismos, arcaísmos, neologismos, estrangeirismos, tupinismos, africanismos, brasileirismos, regionalismos);
- locuções prepositivas, conjuncionais e adverbiais; regências preposicionais; peculiaridades no emprego dos adjetivos; tipicidades sintáticas na cadeia oracional; formas arcaizantes;
- construções clássicas; variantes e formas sincréticas; paronímia e homonímia; tropos: metáforas e metonímias;
- ritmos; analogias e idéias afins; vigor e energia de expressão; etc.